

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n1.004



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A VIDA E A OBRA DE JOHN PATON The life and work of John Paton

Auel Schutz da Veiga<sup>1</sup>  
Eduardo Rocha Tomasi<sup>2</sup>  
Jacson Enilson Rodrigues Peno<sup>3</sup>  
Rodrigo Lucheta<sup>4</sup>

### RESUMO

John Gibson Paton foi um missionário escocês enviado por Deus às Ilhas do Pacífico Sul, também conhecidas por Vanuatu. Através do testemunho de seu pai durante toda sua infância e juventude, Paton foi transformado por Jesus. Na universidade de Glasgow se preparou estudando Teologia e Medicina, servindo por 10 anos como missionário nos subúrbios de Glasgow. Em 1858 casou-se com Mary A. Robson e seguiu para os povos canibais em Tana onde viria a perder sua esposa e seu filho recém-nascido contaminados pela malária. Mas nenhuma dificuldade fez Paton desistir de seu chamado, pois a cada luta, se lembrava da promessa de Deus, “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28.20b).

**Palavras-chave:** Missões. Fé. Coragem.

### ABSTRACT

John Gibson Paton was a Scottish missionary sent by God to the South Pacific Islands, also known as Vanuatu. Through his father's testimony throughout his childhood and youth, Paton was transformed by Jesus. At the University of Glasgow, he prepared himself studying Theology and Medicine, serving for 10 years as a missionary in the suburbs of Glasgow. In 1858 he married Mary A. Robson and went to the cannibalistic tribes in Tana

<sup>1</sup> O autor é acadêmico em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [veiga@batistapioneira.edu.br](mailto:veiga@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> O autor é acadêmico em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [eduardorochatomi0711@gmail.com](mailto:eduardorochatomi0711@gmail.com)

<sup>3</sup> O autor é acadêmico em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [jackpeno@batistapioneira.edu.br](mailto:jackpeno@batistapioneira.edu.br)

<sup>4</sup> O autor é acadêmico em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [rodrigo.lucheta@hotmail.com](mailto:rodrigo.lucheta@hotmail.com)

where he would lose his wife and newborn son to malaria. But no difficulty made Paton give up his call, for with every struggle, he remembered God's promise, "Lo, I am with you always, even to the end of the age" (Mt 28.20b).

**Keywords:** Missions. Faith. Courage.

## INTRODUÇÃO

O campo missionário pode ser em um lugar remoto, perigoso, como também um lugar aparentemente excelente para se viver e constituir uma família em Cristo. Porém, há um desafio em comum entre todo e qualquer campo missionário: a salvação de almas perdidas através da pregação da Palavra de Deus. Em toda a história de missões existem verdadeiros heróis na fé, que por mais que não tenham seus nomes incluídos na Bíblia, servem de inspiração para muitos cristãos.

Alguns, como John G. Paton, encararam circunstâncias totalmente hostis, principalmente por ter sido missionário entre um povo conhecido pelo canibalismo. Este artigo tem por finalidade apresentar a vida e a obra de John G. Paton com o objetivo de inspirar e incentivar todo e qualquer cristão e em especial, aqueles que aspiram a obra missionária. Paton, o missionário que atuou em meio aos canibais, e teve por diversas vezes sua vida sob a mira de lanças, pedras e mosquetes, perseverou até o fim em sua corrida missionária, terminando seus dias traduzindo as Escrituras.

### 1. O PRINCÍPIO DE SUA JORNADA

John G. Paton cresceu em uma família pobre, porém, com ótimas referências que fizeram grande diferença para se tornar quem ele se tornou. Seu pai foi sua grande inspiração, dando-lhe a base do ensino cristão sólido que precisava para o resto de sua vida, e o amor pela Palavra de Deus, o fizeram encarar um campo missionário que poucos teriam coragem de encarar. Soube desde criança o que era enfrentar circunstâncias desafiadoras, as quais o capacitaram para encarar o campo missionário no futuro.

#### 1.1 Como tudo começou

John Gibson Paton nasceu na Escócia, em 24 de maio de 1824, em uma fazenda na vila Braehead, em Dunfries, Escócia. Em uma família numerosa de 13 pessoas (os pais – James e Janet Paton – e 11 filhos), John era o filho mais velho entre 5 meninos e 6 meninas. Seu pai era um fabricante de meias e sua casa era uma residência humilde, precisamente uma cabana de palha de três quartos.<sup>5</sup> Um homem simples, comum e humilde, mas com um grande chamado de Deus para sua vida. Um homem que inspirou vidas e provou que Deus pode realizar grandes feitos usando um homem piedoso.

John G. Paton teve uma infância pobre, pois além de pertencer a uma família de poucos recursos, também era uma família numerosa, não dispendo assim de recursos para poder frequentar uma escola até que se completassem seus ensinamentos, por isso, precisou abandonar a

---

<sup>5</sup> TUCKER, Ruth A. **Até os confins da terra**. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 226.

escola paroquial que frequentava aos 12 anos de idade para ajudar ao seu pai em sua fábrica de meias.<sup>6</sup>

Em sua autobiografia, Paton em nenhum momento reclama de sua infância ou de qualquer coisa que possa ter lhe faltado, pelo contrário, se percebe que ele aprendia com tudo a sua volta e já se fazia entender o mover de Deus em sua vida e como ele entendia que o Senhor estava com ele todos os dias. Paton frequentava a Igreja Presbiteriana todos os domingos com seu pai, e considerava aquilo um prazer, jamais um fardo, o que demonstra que seu espírito já estava sendo trabalhado pelo Senhor para a obra missionária.

Além disso, Paton tinha em seu pai, seu maior exemplo de espiritualidade, fé, dedicação, seriedade e amor, pois contam que em 40 anos, seu pai haveria faltado apenas três vezes ao culto do Senhor.<sup>7</sup> Sua convicção referente ao reino do céu, se devia ao seu pai, James Paton<sup>8</sup>, grande homem de oração, que se “converteu aos dezessete anos”.<sup>9</sup> Como relata John G. Paton: “Jamais poderia explicar o quanto as orações de meu pai me impressionaram”.<sup>10</sup>

Para John, tudo que estava passando naquele momento, era uma preparação para o que viria, conforme suas próprias palavras: “Todavia, testifico com alegria que o que aprendi no tear, ao fabricar meias, não foi sem valor. A habilidade em usar ferramentas, vigiar e manter as máquinas, viria ser de grande valor no campo missionário”.<sup>11</sup>

Em uma visão humanista atual, concluir-se-ia que John G. Paton teve uma vida escravizada pelo seu próprio pai em sua adolescência e juventude, porém, não é o que se compreende ao ler o relato do próprio jovem, que se deduz que ele o fazia com prazer:

Embora com menos de doze anos de idade, comecei a aprender o ofício de meu pai, no qual fiz progresso surpreendente. Trabalhávamos das seis da manhã até às dez da noite, com meia hora para o café da manhã, uma hora para o almoço e outra para o jantar. Nestes momentos me dedicava diariamente aos estudos, principalmente com as primeiras noções de latim e grego, pois eu tinha entregue minha alma a Deus e tinha resolvido ser missionário da Cruz ou um ministro do Evangelho.<sup>12</sup>

<sup>6</sup> MCKENNA. **Histórias missionárias - John G. Paton:** Trabalhando entre os canibais. Disponível em <https://bethanygu.edu/blog/stories/john-g-paton-working-among-the-cannibals/>. Acesso: 02 nov. 2020

<sup>7</sup> Veredas Missionárias. **Biografia de John Paton, o missionário dos mares do sul.** 10 jul. 2014. Disponível em <http://veredasmissionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>. Acesso: 02 nov. 2020.

<sup>8</sup> **JAMES PATON**, anos antes do nascimento de John seu filho, orou muito pela sua esposa, Janete Rogerson, mesmo antes de conhecê-la. O primogênito recebeu o nome João, “dedicando-o solenemente a Deus, com oração, para ser missionário aos povos que não tinham oportunidade de conhecer a Cristo.” James tinha um grande apreço pela família, que era numerosa, sendo John o mais velho de onze filhos. James julgava ser responsável pela vida espiritual de sua família. “Este homem de oração julgava ser ele mesmo o sacerdote da família, cujo dever principal era viver e levar seus filhos para a realidade transfiguradora da Presença Divina.” *In.* GIGI. **Biografia dos heróis da fé.** Rio de Janeiro, 07 j.an. 2010. Disponível em: <http://biografiadosheroisdafe.blogspot.com/2010/01/joao-paton.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

<sup>9</sup> PIPER John. **Uma vida de oração.** São Paulo: Fiel, 2007, p. 214.

<sup>10</sup> BEEKE Joel. **Adoração no lar.** São Paulo: Fiel, 2012, p. 93.

<sup>11</sup> Veredas Missionárias, 2014. Disponível em: <http://veredasmissionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>.

<sup>12</sup> Veredas Missionárias, 2014. Disponível em: <http://veredasmissionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>.

Em virtude da vida irrepreensível que seus pais levavam perante o Senhor, John G. Paton soube que teve sua vida dedicada ao Senhor em oração por seus pais no momento de seu nascimento para ser um missionário aos povos distantes que não tinham quem lhes falassem de Cristo. Assim, já em sua infância e juventude, John G. Paton ia conduzindo a vida de maneira que viria a honrar ao pedido de seus pais.<sup>13</sup>

Sobre a vida de sua amada esposa, há poucas informações encontradas em pesquisas, até mesmo em sua autobiografia. John G. Paton apenas menciona seu casamento com Mary Ann Robson antes de sair da Escócia rumo às Novas Hébridas, bem como a data da ordenação do casal como missionários em 23 de março de 1858.<sup>14</sup>

## 1.2 O ensino, a base para missões

John G. Paton teve em casa, a sua maior escola. Na pessoa de seu pai, ele via o espelho que ele queria refletir, o exemplo de espiritualidade, de comunhão verdadeira com Deus. Era exatamente o que ele queria para sua vida, e que refletiria em seu comportamento durante toda sua vida. Na obra de Eugene Harrison, o autor coloca o relato de John G. Paton como sendo uma passagem extraordinariamente bela, onde ele apresenta seu pai como um homem de piedade singular, com as seguintes palavras: “Nós, crianças, sabíamos de onde vinha essa feliz luz que sempre raiava no rosto de meu pai: era um reflexo da presença divina, na consciência da qual ele viveu”.<sup>15</sup> John G. Paton via seu pai como o sacerdote da família e o provedor da Presença Divina, como o próprio Paton registraria mais tarde:

Quando de joelhos, e todos nós ajoelhados ao seu redor para o culto familiar, ele derramava toda a sua alma em lágrimas pela conversão do mundo pagão ao serviço de Jesus e por cada necessidade pessoal e doméstica, todos nós sentíamos que estávamos na presença do Salvador vivo, e aprendíamos a conhecê-Lo e amá-Lo como nosso Divino Amigo. À medida que nos levantávamos, eu costumava olhar para a luz no rosto do meu pai e desejava ser como ele em espírito.<sup>16</sup>

John Piper, conclui que a chave da coragem de John G. Paton para ir ao campo missionário, provém de seu pai, e serve de inspiração para atualidade, seja para quem quer ser o exemplo ou para quem busca inspiração e coragem.<sup>17</sup> Foi o “pai e a família que preparou John Paton para sofrer, sobreviver e se regozijar no glorioso ministério do evangelho entre as tribos canibais das Novas Hébridas”.<sup>18</sup> Deve-se mencionar também que a dedicada mãe de John G. Paton, certamente participou da construção da fé e coragem que Paton G. Paton

<sup>13</sup> Biografia Heróis da fé. **João Paton**: missionário aos antropófagos (1824-1907). 7 jan. 2010. Disponível em <http://biografiadosheroisdafe.blogspot.com/2010/01/joao-paton.html>. Acesso: 02 nov. 2020

<sup>14</sup> Veredas Missionárias. **Biografia de John Paton, o missionário dos mares do sul**. 10 jul. 2014. Disponível em <http://veredasmissionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>. Acesso: 03 nov. 2020.

<sup>15</sup> HARRISON, Eugene M. **John G. Paton**: o mensageiro de Cristo aos canibais. VERITAS, 2015, p. 6.

<sup>16</sup> HARRISON, 2015, p. 7.

<sup>17</sup> PIPER, John. **Penetrado pela Palavra**. São José dos Campos: Fiel, 2005, p. 149.

<sup>18</sup> PIPER, 2005, p. 149.

necessitaria no futuro, ao lhe ensinar a orar, mesmo na adversidade, conforme pode-se verificar na obra de John Piper:

Quando a colheita da batata fracassou na Escócia, a Sra. Paton disse aos filhos: “Ó meus filhos, amem seu Pai Celestial, conte-lhe com fé e oração todas as suas necessidades, e ele suprirá suas necessidades, tanto quanto for para o bem de seus filhos e para sua glória.<sup>19</sup>

Portanto, a vida da família de G. Paton o influenciou na forma de ver o mundo. Seu futuro ministério, sua fé e tantas coisas foram moldadas pela forma de vida e fé daqueles que o criaram.

### 1.3 Trabalho

Paton, sabia de seu chamado para missões desde sua infância. Ciente disso, conduziu sua vida de forma a se atingir este objetivo, e para tal, em determinado momento de sua vida, necessitaria sair de casa em busca de trabalho e estudos. Ele sabia o que queria e batalhou sua vida inteira para alcançar seu objetivo.

Ao ir estudar e trabalhar em Glasgow, John G. Paton não possuía dinheiro. Sendo assim, dirigiu-se a pé transportando tudo o que possuía, inclusive sua Bíblia enrolada num lenço, e a descrição da cena, leva a entender que poderia perfeitamente ser confundido com um mendigo. Por um longo caminho de nove quilômetros seu pai o acompanhava passo a passo, lado a lado, fazendo o que fazia de melhor até então, lhe amando, lhe ensinando e lhe preparando:

Tendo chegado ao local designado para a despedida, eles deram as mãos e o pai disse com profunda emoção: ‘Deus te abençoe, meu filho! Que o Deus de teu pai te faça prosperar e te guarde de todo o mal!’ Incapaz de dizer mais alguma coisa, seus lábios continuaram movendo-se em oração silenciosa. Em lágrimas eles se abraçaram e partiram.<sup>20</sup>

Já em Glasgow, John G. Paton passava seus dias bem ocupados, distribuindo folhetos pela cidade, ensinando em uma escola. Além disso, John G. Paton trabalhou como missionário urbano, bem como em um cortiço, por anos.<sup>21</sup>

## 2. IDA AO CAMPO E OS PRIMEIROS TRABALHOS

Em Glasgow<sup>22</sup>, Paton trabalhou na missão Glasgow City Mission por dez anos, entre 1847 e 1857, e ali teve muito êxito na tarefa de evangelização e no combate contra o alcoolismo.

<sup>19</sup> PIPER, John. **Imortal até que seu trabalho fosse feito**: John Paton (1824–1907). 17 mar. 2020. Disponível em <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/03/imortal-ate-que-seu-trabalho-fose-feito/>. Acesso: 03 nov. 2020

<sup>20</sup> HARRISON, 2015, p. 7.

<sup>21</sup> TUCKER, 1986, p. 226.

<sup>22</sup> DESPEDIDA NA PARTIDA. “Seu pai caminhou com ele as primeiras seis milhas. Os conselhos, lágrimas e conversas celestiais [com o seu pai] nessa viagem de despedida nunca foram esquecidos pelo filho. Por fim, os dois ficaram em silêncio. O pai levou o chapéu na mão e seus longos cachos loiros caíram sob seus ombros, enquanto lágrimas quentes corriam livremente e orações silenciosas ascendiam. Tendo chegado ao local designado para a despedida, eles deram as mãos e o pai disse com profunda emoção: “Deus te abençoe,

Durante todo o período que passou na Missão, continuou com seus estudos, primeiramente na Universidade de Glasgow, depois na Faculdade de Teologia da Presbiteriana Reformada e em classes de medicina no Andersonian College.

Já nessa fase de sua vida, John Paton tinha a preocupação constante em ganhar almas para Cristo, se preocupando sempre em evangelizar aqueles a sua volta, e neste momento de sua vida, em Glasgow, que Paton teve sua primeira prova verdadeira de seu chamado missionário, pois seu coração ardia por evangelizar as massas operárias do local. Seu trabalho sofreu muita oposição, mas as filosofias de Paton não o permitiam recuar.<sup>23</sup>

Mais tarde, John G. Paton recebeu um convite da Igreja Presbiteriana Reformada da Escócia, na qual foi criado, para trabalhar com John Inglis no trabalho nas Novas Hébridas. Após muita oração, no dia 16 de abril de 1858, John G. Paton, acompanhado por sua esposa e pelo Sr. Joseph Copeland, disse adeus à formosa Escócia e partiu para o Sul do Pacífico aceitando o convite. Ao dar a resposta de aceite ao desafio de pregar entre os canibais, John G. Paton enfrentou oposição. Um velho homem exclamou: - “Os canibais! Você vai ser devorado pelos canibais!”<sup>24</sup> A este questionamento ele respondeu:

Mr. Dixon, o senhor já está com uma idade avançada e sua própria perspectiva é em breve ser colocado no túmulo para ser comida pelos vermes. Confesso ao senhor que se eu puder apenas viver e morrer servindo e honrando ao Senhor Jesus, não fará nenhuma diferença para mim se o meu corpo será comida por canibais ou por vermes.<sup>25</sup>

Pouco depois de chegar no campo, John G. Paton logo percebeu a dura realidade do estilo de vida dos nativos. Os nativos tinham a prática de jogos guerreiros mortais e as mortes eram rotineiras e normais, e o perigo de grandes erupções que ameaçavam a vida de todos da ilha.<sup>26</sup> John G. Paton começou a falar abertamente aos nativos sobre sua maldade a fim de apresentá-los, de todas as maneiras possíveis, o Cordeiro de Deus, o qual é capaz de salvar do pecado, e mostrá-los o contraste entre suas depravações e o modo de vida cristão. Sempre que dois grupos estavam prestes a entrar em guerra, ele corria entre eles e convocá-los a desistir.

Três meses depois, eles tiveram um filho, e seu exílio naquela ilha foi transformado em alegria. Mas o êxtase logo desapareceu, logo após a morte de sua jovem esposa e seu bebê por conta de uma febre tropical. O missionário desolado teve que cavar, com suas próprias mãos, uma sepultura para sua jovem esposa e seu bebê.<sup>27</sup> Depois de passar cerca de um ano

---

meu filho! Que o Deus de teu pai te faça prosperar e te guarde de todo o mal!” Incapaz de dizer mais alguma coisa, seus lábios continuaram movendo-se em oração silenciosa. Em lágrimas eles se abraçaram e partiram. Após uma curva, estrada abaixo, John escalou o dique para ver seu pai uma última vez e viu que seu pai também havia subido o dique ansiando por mais um vislumbre de seu menino. O idoso patriarca olhou em vão, pois seus olhos se escureceram; então ele desceu e partiu para casa, com sua cabeça ainda descoberta e seu coração oferecendo súplicas fervorosas (HARRISON, 2015, p. 8).

<sup>23</sup> TUCKER, 1986, p. 226.

<sup>24</sup> HARRISON, 2015, p. 8.

<sup>25</sup> HARRISON, 2015, p. 8.

<sup>26</sup> TUCKER, 1986, p. 227.

<sup>27</sup> LUTO DE PATON. O missionário registrou as seguintes palavras em meio a dor que sentiu: “Aqueles que já passaram por escuridão semelhante, como a da meia-noite, sentem por mim. Fiquei atordoado, e minha

na ilha, conseguiram realizar um culto no domingo pela manhã ao qual foi assistido por mais ou menos dez caciques e um número igual de mulheres e crianças que lhes pertenciam.<sup>28</sup>

Apesar da dor excruciante em seu coração e do desencorajamento por toda parte, John G. Paton continuou sua obra, declarando as riquezas do amor de Cristo enquanto visitava aldeia por aldeia. Pregava o Evangelho como também davam exemplo de vida cristã aos nativos, trabalho ao qual refletia nas relações familiares, principalmente no meio das mulheres. Na ilha de Tanna, as mulheres eram tratadas praticamente como escravas. Sofriam agressões inúmeras vezes e em alguns casos resultando na morte delas.<sup>29</sup>

Foi naqueles dias, naquela ilha puramente canibal, que a fé do homem branco em seu texto foi severamente testada. Ele e a Sra. Paton foram cercados por selvagens pintados, os quais eram envolvidos nas piores superstições e crueldades do paganismo. Os homens e as crianças andavam nus, enquanto as mulheres usavam curtos aventais de grama ou folhas. Assim que eles desembarcaram, viram dezenas de homens armados com penas em seus cabelos trançados e com os rostos pintados de uma forma extremamente grotesca, correndo em grande entusiasmo. Os disparos dos mosquetes no mato por perto e os gritos horríveis dos selvagens, logo deixaram claro que eles estavam envolvidos em um mortal e sangrento combate. No dia seguinte, os missionários foram informados de que cinco homens tinham sido mortos, cozidos e devorados pelo grupo vitorioso. Naquela noite, o silêncio foi quebrado por um choro selvagem e lamuriante, o qual era contínuo e sobrenatural. Paton foi informado que um dos homens feridos por causa da recente batalha, tinha acabado de morrer, e que eles tinham estrangulado a viúva a fim de que seu espírito o acompanhasse ao outro mundo e ali o servisse, como tinha feito neste mundo.<sup>30</sup>

Com o exemplo e o cuidado dado as mulheres<sup>31</sup> da ilha, por Paton e sua equipe, os homens da ilha voltaram-se contra eles. Os homens nativos começaram ataques violentos contra o missionário e os professores, levando a morte de um dos assistentes fiéis de Paton. Como se isso não bastasse, o sarampo afligiu todos na ilha principalmente os professores que

---

mente parecia estar quase indo embora. Eu construí uma parede de coral ao redor do túmulo e cobri o topo com belos corais brancos, quebrados em pequenos pedaços como cascalhos; aquele lugar se tornou meu santuário sagrado e muito frequentado durante todos os anos em que, em meio a dificuldades, perigos e mortes, trabalhei para a salvação destes ilhéus selvagens” (HARRISON, 2015, p. 12).

<sup>28</sup> Biografia de John Paton, o missionário dos mares do sul. Sammis Reachers, 10/2014. Disponível em: <http://veredasmissionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>. Acesso: 01 nov. 2020.

<sup>29</sup> TUCKER, 1986, p. 228.

<sup>30</sup> HARRISON, 2015, p. 9.

<sup>31</sup> DESPREZO PELAS MULHERES. Os taneses tinham hostes de ídolos de pedra e encantos sagrados, dos quais eles tinham um medo horrendo. Na verdade, sua adoração era, de modo geral, um culto de medo, que tinha como objetivo apaziguar algum espírito mal, para evitar a calamidade ou assegurar a vingança contra algum inimigo. Eles também frequentemente ofereceriam presentes aos seus homens sagrados, feiticeiros e bruxas, os quais, acreditavam eles, eram capazes de remover doenças ou causá-las por meio de Nahak ou encantamentos. Certo dia, em uma luta, sete homens foram mortos, suas viúvas foram estranguladas e todos foram cozidos e servidos em um banquete pelos guerreiros e seus amigos. Quando o cacique Nouka ficou seriamente doente, três mulheres foram sacrificadas para a sua recuperação (HARRISON, 2015, p. 9-10).

estavam ali, fazendo com que muitos fossem embora e outros mortos. Com uma epidemia tão forte, segundo relatos de Paton, um terço da população de Tanna desapareceu.<sup>32</sup>

No verão de 1861, três anos após sua chegada, os nativos estavam em guerra civil e Paton se encontrava bem no centro desse conflito. Paton e o único professor de Aneityum, chegaram a ficar até quatro dias trancados em um quarto com os nativos esperando do lado de fora para matá-los.<sup>33</sup> Os nativos da costa eram os que mais desprezavam Paton e ameaçavam uma guerra total com as tribos do interior da ilha se não mandassem ele embora. Em 1862 os conflitos viraram uma guerra civil de grande proporção, obrigando Paton a fugir do local em um navio mercante e deixar todos os seus pertences na ilha.<sup>34</sup> Os perigos eram constantes. Em outro episódio ele registra:

Paton mantinha várias cabras como fonte de produção de leite. Um dia, ele ouviu um balido incomum entre as cabras, como se estivessem sendo mortas ou torturadas. Ele correu para o curral das cabras. Em instantes, um bando de homens armados surgiu do mato, o cercaram e levantaram suas clavas. Ele caiu na armadilha deles! “Você escapou de nós várias vezes”, eles disseram, “mas agora nós vamos te matar!” Levantando as mãos e os olhos para o céu, Paton entregou sua causa ao Senhor de quem ele era servo. Enquanto ele orava, a presença divina o cobriu, seu coração se encheu com uma doce certeza e os canibais foram embora um após o outro. “Assim”, afirma o missionário, “Jesus os deteve mais uma vez. Sua promessa é real; Ele está com Seus servos, para suportá-los e abençoá-los, até o fim do mundo!”<sup>35</sup>

Duras foram as experiências de Paton, mas ele permanecia firme. Enfrentou os perigos, viu mortes e não desistiu de sua missão.

### 3. INFLUÊNCIA NO NOVO CAMPO MISSIONÁRIO

Em Anatom, Paton pretendia continuar sua tradução da Bíblia em tanês<sup>36</sup> e depois voltar a Tana assim que o caminho estivesse aberto, mas, depois de consultar outros missionários,

<sup>32</sup> TUCKER, 1986, p. 228.

<sup>33</sup> PATON E OS PERIGOS. Em meio aos desafios o missionário continuava confiante: “Nossa segurança estava em nosso apelo ao bendito Senhor que nos havia colocado ali, a Quem todo o poder foi dado no céu e na terra. Isso que é força, isto que é paz - ter doce comunhão com Ele. Eu não posso desejar aos meus leitores nada mais precioso do que isso” (HARRISON, 2015, p. 14).

<sup>34</sup> TUCKER, 1986, p. 228.

<sup>35</sup> HARRISON, 2015, p. 14.

<sup>36</sup> TRADUÇÃO DA BÍBLIA. Os nativos não tinham a ideia da linguagem escrita. Escrevendo um bilhete sobre um pedaço de madeira, ele o entregou a um chefe, chamado Namakei, e pediu-lhe para entregar à Sra. Paton. “Mas o que você quer?” o velho chefe perguntou admirado. “A madeira dirá a ela”, foi a resposta. Namakei pensou que era um tipo estranho de piada, mas fez como solicitado. Sua surpresa não teve limites quando a Sra. Paton enviou exatamente o que o marido queria. O missionário aproveitou a oportunidade para dizer-lhe sobre a Bíblia, através da qual ele poderia ouvir Deus “falar” com ele. Um intenso desejo de ver a Palavra de Deus impressa em sua própria língua foi despertado na alma do idoso, levando-o a ser de grande ajuda nessa empreitada e estimulando-o a aprender a ler. Quando, finalmente, a primeira parte da Bíblia foi impressa, ele perguntou ansiosamente: - “Missi, ela pode falar? Por acaso ela fala na minha língua?” - “Sim, ela fala.” - “Ó Missi, faça ela falar comigo!” Paton leu para ele alguns versos e o chefe exclamou alegremente: “Ela verdadeira- mente fala! Ela fala na minha língua! Por favor, dê ela para mim”. Depois de pressio- ná-la

ele concordou em ir primeiro à Austrália e depois à Escócia para despertar maior interesse na obra das Novas Hébridas, recrutar novos missionários e principalmente, levantar uma grande soma de dinheiro para a construção e manutenção de um veleiro, a fim de ajudar os missionários no trabalho de evangelização das ilhas. Mais tarde, ele levantou uma soma muito maior com a qual pôde construir um navio a vapor para a missão.

Na Escócia, Paton se casou com Margaret Whitecross, e juntos navegaram para os Mares do Sul. Eles chegaram em Anatom em agosto de 1866. O Sr. e a Sra. Paton estabeleceram uma nova base missionária em Aniwa, a ilha mais próxima de Tana, a fim de levar os aniwaneses a Cristo enquanto ele aguardava o dia em que poderia voltar ao local de suas primeiras expectativas e sofrimentos. Eles construíram uma casa para si e duas casas para crianças órfãs. Mais tarde foram erguidos uma igreja, uma casa de impressão e outros prédios.<sup>37</sup> Em Aniwa 6 dos 10 filhos nasceram, mas 4 morreram ainda infantes. Seu 3º filho do matrimônio com Maggie, Francis Paton, tornou-se missionário nas mesmas Ilhas (1896-1902).

As conversões foram acontecendo e a primeira ceia ocorreu em 1869. Paton aprendeu a língua e a grafou. Maggie ensinou uma classe de mulheres e meninas que se tornaram especialistas em costura e confecção de chapéus e lhes alfabetizou.<sup>38</sup>

Devido à grande escassez de água em Aniwa e a predominância de doenças devido à ingestão de água ruim, Paton decidiu cavar um poço. Em meio a escavações e desmoronamentos, o missionário conseguiu finalmente sair do poço com água, pediu a palavra e pregou. Este discurso, levou muitos a deixarem seus ídolos pagãos e se voltarem ao verdadeiro Deus.<sup>39</sup> No dia em que o missionário encontrou água, Namakei que era o líder da tribo provou hesitante da água oferecida pelo missionário em seu jarro. Ao provar gritou:

“Chuva! É chuva! O mundo está virado de cabeça para baixo desde que o Senhor veio a Aniwa!” Cautelosamente ele e os outros espreitaram dentro do poço para ver “a chuva de Jeová vindo de baixo”. - “Este poço é só para você e sua família?”, eles perguntaram. - “Não, todos vocês podem vir e beber tanto quanto precisarem”.<sup>40</sup>

A notícia se espalhou rapidamente e Namakei se ofereceu para pregar. Em seu sermão afirmou o seguinte:

Amigos de Aniwa, algo aqui no meu coração me diz que o Deus invisível existe e que, quando as concentrações de poeiras, que agora cegam meus olhos gastos, forem removidas, vou vê-lo algum dia, assim como vimos a água que tinha a tanto tempo sido invisível até a sujeira e o coral serem removidos, formando assim o poço. A partir deste dia, meu povo, adorarei o Deus que abriu para nós o poço. Que todo homem que pensa como eu, vá agora buscar os deuses de Aniwa para que eles sejam destruídos. Que nos posicionemos

---

ao seu coração, ele a devolveu desapontado dizendo: “Missi, ela não vai falar comigo!” Paton explicou que ele primeiro precisava aprender a ler, então ele poderia fazer o livro falar (HARRISON, 2015, p. 19-20).

<sup>37</sup> HARRISON, Eugene M. **John G. Paton**: O Mensageiro de Cristo aos Canibais. VERITA, 2015. *E-Book*.

<sup>38</sup> ENTRE CANIBAIS – BIOGRAFIA MISSIONÁRIA JOHN PATON [1824–1907] por Redação Radar, mar 5, 2015. Biografia, Presbiteriana. 1 Comentário.

<sup>39</sup> VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé**: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias. Tradução de Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 168.

<sup>40</sup> HARRISON, 2015, p. 21.

pelo Deus Jeová, que enviou o Seu Filho Jesus para morrer por nós a fim de nos levar para o céu.<sup>41</sup>

Tamanha foi a experiência que tiveram naquele dado momento, que estão registradas as palavras de Paton em sua pregação:

Nenhum dos deuses de Aniwa responde às orações como o faz o Deus de Missi. Amigos de Namekei, todos os poderes do mundo não nos poderiam fazer crer que se pudesse obter chuva das profundezas da terra, não o tivéssemos visto, como nossos olhos, sentido e experimentado, como aqui temos.<sup>42</sup>

Um verdadeiro milagre foi testemunhado por todos. Deus estava agindo no meio do paganismo para trazê-los para si. Como Varetto escreve em suas últimas palavras a respeito de John Paton: “Aniwa, como também Aneityum, é uma terra cristã. Jesus tomou posse dela e nunca mais a deixará”.<sup>43</sup> Outras conversões importantes ocorreram naquele lugar. A filha do líder Namakei também se entregou a Cristo.

A filha de Namakei, Litsi, tinha sido treinada desde pequena pelos missionários. Ela se tornou um nobre exemplo da feminilidade cristã. Sendo a filha do chefe mais importante da ilha, ela era chamada “a rainha de Aniwa”. Com o tempo, ela se casou com um homem chamado Mungaw. Em uma noite Mungaw foi baleado e morto por Nasi, um chefe de Tana. Algum tempo depois, Litsi foi para Tana encorajada por uma nobre e santa vingança. Ela foi como missionária para o próprio povo cujo chefe tinha matado seu marido! Outros cristãos de Aniwa se juntaram a ela, e eles espalharam o abençoado evangelho naquela terra perversa.<sup>44</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

John G. Paton morreu aos 83 anos, dois anos depois da morte da sua amada esposa Margaret, em 1905, em “Kennet”. Em sua lápide foi gravada a frase que marcou a sua vida: “Eis que estou convosco todos os dias”.<sup>45</sup> Paton trabalhou arduamente até o fim para traduzir a Bíblia para o idioma de Aniwa e esta foi a última obra de sua vida.<sup>46</sup>

Mesmo em meio a uma infância pobre e de grandes dificuldades, Paton não reclamou de sua situação e se dedicou ao estudo da Palavra de Deus. Sua vontade de pregar o Evangelho foi muito maior do que suas dificuldades financeiras e quaisquer circunstâncias adversas. Além das dificuldades financeiras em sua família, também foram muitas lutas nos campos

---

<sup>41</sup> HARRISON, 2015, p. 21.

<sup>42</sup> VARETTO, 1981. p. 169

<sup>43</sup> VARETTO, 1981. p. 172

<sup>44</sup> HARRISON, 2015, p. 22.

<sup>45</sup> EIS QUE ESTOU CONVOCO TODOS OS DIAS. Sobre este texto, seu filho, F. H. Paton, escreveu: “Em suas conversas privadas e em seus discursos públicos, meu pai estava sempre citando as palavras: ‘Eis que Eu estou convosco todos os dias’, como sendo a inspiração de sua tranquilidade, a confiança em tempos de perigo e sua esperança diante das impossibilidades humanas. Isto era tão evidente para sua família que nós decidimos gravar esse texto em sua lápide no Cemitério Boroondara. Para todos nós, este texto parecia resumir o elemento essencial de sua fé e a fonte suprema de sua coragem e persistência” (HARRISON, 2015, p. 23).

<sup>46</sup> TUCKER, 1986, p. 230.

missionários, porém, Paton jamais arranhou desculpas e cumpriu seu chamado. Sua fé e esperança em Cristo o fizeram perseverar em meio a tantos obstáculos.

Com a história de Paton, pode-se concluir que Deus conduz os passos daqueles cujos corações estão em sintonia com a sua vontade, aqueles que são verdadeiramente seus filhos, assim como John G. Paton. Ele carregava consigo a certeza de que Deus estaria ao seu lado e da missão que recebeu para cumprir, mesmo em momentos em que ficou frente a frente com a morte. Com essa mesma certeza é que todos os crentes devem pregar a Mensagem de Deus, tendo a mesma coragem de ir por todo o mundo pregando o Evangelho e cumprindo a Grande Comissão em Mateus capítulo 28, versículos 19 e 20.

## REFERÊNCIAS

Biografia Heróis da fé. **João Paton**: missionário aos antropófagos (1824-1907). 7 jan. 2010. Disponível em <http://biografiadosheroisdafe.blogspot.com/2010/01/joao-paton.html>. Acesso: 02 nov. 2020

Biografias - **John Paton** (1824 – 1907). 10 mar 2019. Disponível em <http://familialuz.org/john-paton/>. Acesso: 02 nov. 2020

**ENTRE CANIBAIS**: biografia missionária John Paton [1824–1907] por Redação Radar, mar 5, 2015. Biografia, Presbiteriana. 1 Comentário.

HARRISON, Eugene M. **John G. Paton**: o mensageiro de Cristo aos canibais. VERITA, 2015. *E-Book*.

MCKENNA. **Histórias Missionárias - John G. Paton**: Trabalhando entre os canibais. Disponível em <https://bethanygu.edu/blog/stories/john-g-paton-working-among-the-cannibals/>. Acesso: 02 nov. 2020

PIPER, John. **Imortal até que seu trabalho fosse feito**: John Paton (1824–1907). 17 mar. 2020. Disponível em <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/03/imortal-ate-que-seu-trabalho-fosse-feito/>. Acesso: 03 nov. 2020

PIPER, John. **Penetrado pela Palavra**. São José dos Campos: Fiel, 2005, 160 p.

Veredas Missionárias. **Biografia de John Paton, o missionário dos mares do sul**. 10 jul. 2014. Disponível em <<http://veredasmisionarias.blogspot.com/2014/07/biografia-de-john-paton-o-missionario.html>> Acesso: 02 nov. 2020

TUCKER, Ruth A. **Até os confins da terra**. São Paulo: Vida Nova, 1986. 590 p.

VARETTO, Juan C. **Eles morreram pela fé**: heróis e mártires da obra missionária desde os apóstolos até os nossos dias. Tradução de Almir S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1981. 277 p.